

Saudações cordeaes. - Aproveito a viagem do nosso commum amigo dr. Gabriel Moacyr para pagar uma divida. Quando foi da comemoração do centenário da revolução de 1835, recebi uma carta sua com que me apresentava o brilhante espirito do dr. Pereira Lima, mas aquelles dias cheios de acontecimentos não me permittiram que lhe respondesse. Fiquei-lhe, então, a dever uma carta; é a que hoje lhe remetto.

O assumpto do dia no mundo politico é, certamente, o tratado firmado pelos partidos riograndenses. Cada qual o interpreta a seu modo, apesar da clareza e precisão do texto. Poucos acreditam que o pensamento verdadeiro seja o que está expresso. Pelo que tenho percebido, essas duvidas e contradições não são menores em São Paulo, do que alhures. Dahi a conveniencia de exclarecel-as pelo menos quanto ao que toca ao meu partido.

O tratado que firmamos não tem finalidades politicas fóra do Rio Grande. Não visa absolutamente a successão presidencial. Isto se acha claramente expresso no documento. O partido Libertador não tem absolutamente compromissos. Chegado o momento, elle se manifestará, conforme o que julgar mais util aos interesses nacionaes. O que influiu exclusivamente em nosso espirito, ao aceitarmos finalmente as reiteradas offerτας de paz e collaboração, foi assegurar ao nosso Estado um periodo de relativa tranquillidade e boa ordem, no qual pudesse cicatrizar as suas feridas, que não são poucas, nem leves. Nada demos em troca do regime que vamos tentar, senão a nossa collaboração ao governo, condicionada ao programma já conhecido.

Sei que para a mentalidade politica reinante no paiz, isto é muito pouco, é nada e ninguem acredita que taes sejam os objectivos reaes do tratado. Mas não menos verdadeiro é que nós não o assignamos com outra intenção, muito embora admitta que poderão procurar utilizal-o como instrumento nas habituaes combinações da politica nacional. Que se ha-de fazer, porem, se a politica brasileira é essa coisa estreita?

A mesma erronea e viciosa interpretação soffreu uma tentativa anterior, feita em campo mais vasto. Quero referir-me á formula José Maria dos Santos applicada ao g verno federal. Era simplesmente um apello á boa vontade dos homens de governo, ante a gravidade da situação nacional. Fracassou, apesar do grande movimento de opinião que produziu, porque ninguem se podia convencer de que a iniciativa não visasse moveis immediatos e concretos, como a annullação politica do presidente Getulio Vargas, o combate á politica paulista, etc. Entretanto, nada mais claro era do que o pensamento inspirador da formula: fazer uma tentativa para melhorar o nosso viciado regime democratico, com o fim de permittir-lhe resistir á crescente pressão do extremismo.

Em summa, meu caro amigo, o pensamento dos libertadores (e porque não dizer tambem dos republicanos, embora não esteja eu autorizado a fallar por elles?) o pensamento dos libertadores foi pacificar e preservar o Rio Grande, já tão sacrificado, e utilizar o convenio firmado, não como arma de combate, mas como instrumento de progresso. Nesta orientação nos manteremos, sem que nos possamos responsabilisar, é obvio, pelas outras partes contractantes.

Verdade é que a eterna questão da successão presidencial, unico eixo em torno do qual tem girado a politica brasileira na republica, arrisca perturbar tudo. Ninguem sabe encorar as coisas a não ser por este prisma. A tal respeito, porem, repito: nós, libertadores, não temos compromissos e, no momento opportuno, nos decidiremos pela candidatura que melhor consulte os interesses nacionaes.

Occorre-me, entretanto, que o mais sensato e patriotico seri modificar os termos da questão, enquanto é tempo. Em vez de lutarmos por entregar o paiz a um feitor durante quatro annos, o que só poderá agravar a nossa delivada situação politica e social, porque não imprimiremos á suprema magistratura da nação o seu verdadeiro caracter, porque não reformaremos a constituição no sentido de implantar o verdadeiro regime democratico representativo, que é, sem contestação séria, o de molde parlamentar? Modificaríamos assim o caracter da lucta presidencial e poderíamos até retardar-a, porque, feita a reforma, eu não veria nenhum inconveniente em que o mandato presidencial passasse a ser de seis annos.

Esta é a suggestão que eu faria, para evitar ao Brasil maiores perturbações e paracaminhar, de vez, na senda da ordem e da

liberdade. Tome V. a ideia, se lhe parecer acertada, communique-a aos amigos, dê-lhe o prestigio desse grande e nobre Estado e ter-se-á prestado ao paiz o maior dos serviços possiveis na actual conjuntura.

Sei que tudo isso pode parecer ingenuo aos velhos politicos que só acreditam na sua politicalha, mas não ha bella ideia que antes de realizada, aos viciosos não pareça ingenua.

E tudo quanto de essencial tenho a dizer-lhe no momento. Verbalmente o nosso Amigo Moacyr lhe dará maiores esclarecimentos.

Abraçando-o cordalmente, aqui fica inteiramente ás suas ordens o

am^o e admor. atto.

ass. Raul Pilla

Praia da Cidreira, 26 de Janeiro de 1936.